

**LUÍS CAMÕES**

OS LUSÍADAS

# Luís Camões

# Os Lusíadas

*[http://www.litres.ru/pages/biblio\\_book/?art=24174076](http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=24174076)*

*Os Lusíadas:*

*ISBN <http://www.gutenberg.org/ebooks/27236>*

# Содержание

OS LVSIADAS DE LVIS DE CAMÕES	6
Canto primeiro	6
Canto Segundo	40
Canto Terceiro	76
Конец ознакомительного фрагмента.	95

# Os Lusíadas

Eu el Rey faço faber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoões pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lufiadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu vifauo que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar aas ditas partes da India pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoões ou da peffoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoões, & a outra metade pera quem os acufar. E antes de se a dita obra vender lhe fera posto o preço na mesa do despacho dos meus Defembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir fera vista & examinada na mesa do conselho geral do fanto officio da Inquifição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer

acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo  
pera iffo licença do fancto officio, como acima he dito. E este  
meu Aluara se imprimirà outrofi no principio da dita obra, o  
qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se foffe  
carta feita em meu nome por mim affinada & paffada por minha  
Chancellaria fem embargo da Ordenação do fegundo liuro, tit.  
xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que  
hum ano paffem per cartas, & paffando por aluaras não valhão.  
Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a .xxiiij: de Setembro, de  
M.D.LXXI. Iorge da Costa o fiz efcreuer.

# OS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES

## Canto primeiro

As armas, & os barões afsinalados,  
Que da Occidental praya Lufitana,  
Por mares nunca de antes nauegados,  
Paffaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
E entre gente remota edificarão  
Nouo Reino, que tanto fublimarão.

E tambem as memorias gloriofas  
Daquelles Reis, que forão dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras viciofas  
De Affrica, & de Afia, andarão deuaftando,  
E aquelles que por obras valerofas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando efpalharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

Ceffem do fabio Grego, & do Troyano,

As nauegações grandes que fizeram:  
Callefe de Alexandro, & de Trajano,  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu canto o peyto illustre Lufitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
Ceffe tudo o que a Mufa antiga canta,  
Que outro valor mais alto fe aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Tendes em my hum nouo engenho ardente.  
Se fempre em verfo humilde, celebrado  
Foy de my voffo rio alegremente,  
Daime agora hum fom alto, & fublimado,  
Hum eftillo grandiloco, & corrente,  
Porque de voffas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & fonorofa,  
E não de agrefte a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicofa,  
Que o peito acende, & a cor ao gefto muda:  
Daime igoal canto aos feitos da famofa  
Gente voffa, que a Marte tanto ajuda:  
Que fe efpalhe & fe conte no vniuerfo,  
Se tam fublime preço cabe em verfo.

E vos ò bem nafcida fegurança  
Da Lufitana antiga liberdade,  
E não menos certifsima efperança,

De aumento da pequena Chriftandade:

Vos o nouo temor da Maura lança,

Marauilha fatal da noffa idade:

Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,

Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,

De hũa aruore de Christo mais amada

Que nenhũa nascida no Occidente,

Cefarea, ou Christianifsima chamada:

Vedeo no voffo efculo, que prefente

Vos amostra a victoria ja paffada.

Na qual vos deu por armas, & deixou

As que elle pera fi na Cruz tomou.

Vos poderofa Rei, cujo alto Imperio,

O Sol logo em nascendo ve primeiro:

Veo tambem no meio do Hemifpherio,

E quando dece o deixa derradeiro.

Vos que efperamos jugo & vituperio,

Do torpe Ismaelita caualleiro:

Do Turco Oriental, & do Gentio,

Que inda bebe o licor do fancto Rio.

Inclinay por hum pouco a magestade,

Que neffe tenro gesto vos contemplo,

Que ja fe mostra, qual na inteira idade,

Quando fobindo yreis ao eterno templo,

Os olhos a real benignidade



Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em verfos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
Que nam he premio vil, fer conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno.  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem fois fenhor fuperno.  
E julgareis qual he mais excelente,  
Se fer do mundo Rei, fe de tal gente:

Ouui, que não vereis com vãs façanhas  
Fantafticas, fingidas, mentirofas,  
Louuar os voffos, como nas eftranhas  
Mufas, de engrandecerfe defejofas,  
As verdadeiras voffas fam tamanhas,  
Que excedem as fonhadas fabulofas:  
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda quefora verdadeiro.

Por eftes vos darey hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal feruiço,  
Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero  
A Citara parelles fo cobiço:  
Pois polos doze pares daruos quero,  
Os doze de Inglaterra, & o feu Magriço.  
Douuos tambem aquelle illustre Gama,

Que para fi de Eneas toma a fama.

Pois fe a troco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cefar, quereis igual memoria:  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Efcura faz qualquer eſtranha gloria:  
E aquelle que a feu Reino a fegurança  
Deixou, com a grande & proſpera victoria.  
Outro Ioane, inuicto caualleiro,  
O quarto, & quinto Afonſos, & o terceiro.

Nem deixarão meus verſos eſquecidos,  
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
Se fizerão por armas tam fubidos,  
Voffa bandeira ſempre vencedora.  
Hum Pacheco fortifſimo, & os temidos  
Almeidas, por quem ſempre o Tejo chora.  
Albuquerque terribil, Caſtro forte,  
E outros em quem poder não teue a morte.

E em quanto eu eſtes canto, & a vos nam poſſo  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino voffo,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a fentir o peſo groſſo,  
(Que polo mundo todo faça eſpanto,)  
De exercitos, & feitos fingulares,  
De affricas as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vê feu exício afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o peſcoço ao jugo ja inclinado:  
Thetis todo o ceruleo fenhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que afeiçoada ao geſto bello, & tenro,  
Deſeja de compraruos pera genro.

Em vos fe vem da Olimpica morada,  
Dos ous auôs, as almas ca famoſas,  
Hũa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas fanguinoſas:  
Em vos eſperão, verſe renouada,  
Sua memoria, & obras valeroſas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da fuprema eternidade.

Mas em quanto eſte tempo paſſa lento,  
De regerdes os poucos, que o deſeção:  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Pera que estes meus verſos voſſos feção:  
E vereis ir cortando o falſo argento:  
Os voſſos Argonautas, por que veção,  
Que ſam viſtos de vos no mar yrado,  
E costumaiuos ja a fer inuocado.

Ia no largo Occeano nauegauão,  
As inquietas ondas apartando,

Os ventos brandamente refpirauão,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da branca efcura, os mares fe moítrauão  
Cubertos, onde as proas vão cortando.  
As maritimas agoas confagradas,  
Que do gado de Proteo fam cortadas.

Quando os Deufes no Olimpo luminoso,  
Onde o gouerno esta, da humana gente,  
Se ajuntão em confilio gloriofo,  
Sobre as coufas futuras do Oriente:  
Pifando o criftalino Ceo fermofo,  
Vem pela via Lactea, juntamente  
Conuocados da parte do Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

Deixão dos fete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que fo co penfamento  
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
Ali fe acharão juntos num momento,  
Os que habitão o Arcturo congelado.  
E os que o Auftro tem, & as partes onde  
A Aurora nafce, & o claro Sol fe efconde.

Eftava o Padre ali fublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num affento de eftrellas criftalino,  
Com geíto alto, fevero, & foberano,

Do roſto refpiraua hum ar diuino,  
Que diuino tornàra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes affentos, marchetados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo eftavão  
Os outros Deufes todos affentados,  
Como a Razão, & a Ordem concertauão.  
Precedem os antiquos mais honrrados,  
Mais abaixo os menores fe affentauão:  
Quando Iupiter alto, affy dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & horrendo.

Eternos moradores do luzente  
Eftelifero polo & claro affento,  
Se do grande valor da forte gente,  
De Lufo, não perdeis o penfamento,  
Deueis de ter fabido claramente  
Como he dos fados grandes certo intento  
Que por ella fefqueção os humanos,  
De Afsirios, Perfes, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido  
Cum poder tam fingelo & tam pequeno  
Tomar ao Mouro forte & guarneçido,  
Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Caſtelhano tam temido  
Sempre alcançou fauor do Ceo fereno.

Afsi que femp're em fim com fama & gloria,  
Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deofes atras a fama antiga,  
Que co a gente de Romulo alcançarão,  
Quando com Viriato, na inimiga  
Guerra Romana tanto fe affamarão.  
Tambem deixo a memoria, que os obriga  
A grande nome, quando aleuantarão  
Hum, por feu capitão, que peregrino  
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidofo mar, num lenho leue,  
Por vias nunca vfadas, não temendo  
De Affrico & Noto a força a mais fatreue:  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue.  
Inclinão feu propofito, & perfia  
A ver os berços, onde nafce o dia

Prometido lhe eftà do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode fer quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vé do Sol a roxa entrada.  
Nas agoas tem paffado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
Ia parece bem feito, que lhe feja  
Mostrada a noua terra que defeja.

E porque, como viftes, tem paffados  
Na viagem, tam afperos perigos,  
Tantos Climas & Ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que fejam, de termino, agafalhados  
Nefta cofta affricana como amigos.  
E tendo guarnecida a laffa frota,  
Tornarão a feguir fua longa rata.

Eftas palauras Iupiter dizia,  
Quando os Deofes por ordem respondendo,  
Na fentença hum do outro difiria,  
Razões diuerfas dando & recebendo.  
O padre Baco, ali nam consentia  
No que Iupiter diffe, conhecendo  
Que efquecerão feus feitos no Oriente,  
Se la paffar a Lufitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
Hũa gente fortifsimo de Hefpanha,  
Pelo mar alto, a qual fojeitaria  
Da India, tudo quanto Doris banha:  
E com nouas victorias venceria,  
A fama antiga, ou fua, ou foffe eftranha.  
Altamente lhe doe perder a gloria,  
De que Nifa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo fojugado,

E nunca lhe tirou Fortuna, ou cafo,  
Por vencedor da India fer cantado,  
De quantos bebem a agoa de Parnafo.  
Teme agora que feja fepultado,  
Seu tam celebre nome, em negro vafo,  
Dagoa do efquecimento, fe la cheção  
Os fortes Portuguefes, que naueção,

Suftentaua contra elle Venus bella,  
Afeiçãoada aa gente Lufitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada fua Romana,  
Nos fortes corações, na grande eftrella,  
Que mostrarão na terra Tingitana:  
E na lingua, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Eftas caufas mouião Cyterea,  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que ha de fer celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligera fe eftende.  
Afsi que hum pela infamia que arrecea,  
E o outro polas honras que pretende,  
Debatem, & na perfia permanecem,  
A qualquer feus amigos fauorecem:

Qual Auftro fero, ou Boreas na efpeffura,  
De filueftre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata efcura,



Com impito & braueza defmedida.  
Brama toda montanha, o fom murmura,  
Rompenfe as folhas, ferue a ferra erguida.  
Tal andaua o tumulto leuantado,  
Entre os Deofes no Olimpo confagrado.

Mas Marte que da Deofa fustentaua,  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou por que o amor antigo o obrigaua,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De entre os Deofes em pee fe leuantaua,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte efculo ao collo pendurado,  
Deitando para tràs medonho e irado.

A vifeira do elmo de Diamante,  
Aleuantando hum pouco, muy feguro,  
Por dar feu parecer fe pos diante  
De Iupiter, armado, forte & duro:  
E dando hũa pancada penetrante,  
Co conto do baftão, no folio puro:  
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
Hum pouco a luz perdeo, como iniado.

E diffe afsi, ò padre a cujo imperio,  
Tudo aquillo obedece, que criafte,  
Se efta gente que bufca outro Emifpherio,  
Cuja valia, & obras tanto amafte:  
Não queres que padeção vituperio,

Como ha ja tanto tempo que ordenaste  
Não ouças mais, pois es juyz direito,  
Razões de quem parece que he fofpeito.

Que fe aqui a razão fe não mostraffe  
Vencida do temor demafiado,  
Bem fora que aqui Baco os fofcentaffe,  
Pois que de Lufo vem, feu tam priuado:  
Mas eſta tenção fua, agora paſſe,  
Porque em fim vem de eſtamago danado.  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bem que outrem mereçe, & o ceo defeja.

E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinação que tês tomada,  
Nam tornes por detras pois he fraqueza  
Defistir fe da coufa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa feta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde fe informe  
Da India, & onde a gente fe reforme.

Como ifto diffe o Padre poderofa,  
A cabeça inclinando, confentio  
No que diffe Mauorte valerofo,  
E Nectar fobre todos eſparzio:  
Pelo caminho Lacteo gloriofo,  
Logo cada hum dos Deofes fe partio.  
Fazendo feus reaes acatamentos,

Pera os determinados apoufentos.

Em quanto ifto fe paffa, na fermofa  
Cafa eterea do Olimpo omnipotente  
Cortaua o mar a gente belicofa:  
Ia la da banda do Auftro, & do Oriente,  
Entre a cofta Ethiopica, & a famofa  
Ilha de fam Lourenço, & o Sol ardente  
Queimaua entam os Deofes, que Tifeô  
Co temor grande em pexes conuerteô.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
Como quem o ceo tinha por amigo:  
Seren o ar, & os tempos fe mostrauão  
Sem nuuês, fem receio de perigo:  
O promontorio praſſo ja paſſauão  
Na cofta de Ethiopia, nome antiguo.  
Quando o mar defcobreindo lhe moſtraua,  
Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vafco da gama, o forte Capitão,  
Que a tamanhas empresas fe offerece,  
De foberbo, & de altiua coração,  
A quem fortuna fempre fauorece  
Pera fe aqui deter, não ve razão,  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante paſſar determinaua:  
Mas nam lhe foccedeo como cuydaua.

Eis apparecem logo em companhia,  
Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
A gente fe aluoroça, & de alegria  
Não fabe mais que olhar a causa della.  
Que gente fera esta, em fi dezião,  
Que costumes, que ley, que Rei terão?

As embarcações erão, na maneira  
Muy veloces, estreitas, & compridas,  
As vellas com que vem erão de esteira,  
Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mundo deu, de oufado, & não prudente,  
O Pado o fabe, & Lampetufa o fente.

De panos de algodão vinhão vestidos,  
De varias cores, brancos, & liftrados,  
Hũs trazem derredor de fi cingidos,  
Outros em modo ayrofo fobraçados,  
Das cintas pera cima vem despidos:  
Por armas tem adagas, & tarçados.  
Com toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis fonorosos vão tocando.

Cos panos, & cos braços açenauão,  
Aas gentes Lufitanas, que esperaffem:

Mas ja as proas ligeiras, fe inclinauão,  
Pera que junto aas Ilhas amainaffem.  
A gente, & marinheiros trabalhauão,  
Como fe aqui os trabalhos facabaffem:  
Tomão vellas, amainafe a verga alta,  
Da ancora o mar ferido, encima falta.

Não erão ancorados, quando a gente  
Eftranha, polas cordas ja fubia,  
No gefto ledos vem, & humanamente,  
O Capitão fublime os recebia.  
As mefas manda por em continente,  
Do licor que Liew prantado auia:  
Enchem vafos de vidro, & do que deitão,  
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,  
Pela Arabica lingoa, donde vinhão,  
Quem erão, de que terra, que bufcauão,  
Ou que partes do mar corrido tinhão?  
Os fortes Lufitanos lhe tornauão,  
As difcretas repostas que conuinhão.  
Os Portuguefes fomos do Occidente,  
Himos bufcando as terras do Oriente.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Califto,  
Toda a cofta Affricana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos vifto:

Dum Rei potente fomos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quisto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado feu, bufcando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,  
Que fo dos feos Focas fe nauega:  
Mas ja razão parece que faibamos,  
Se entre vos a verdade não fe nega.  
Quem fois, que terra he eſta que abitais?  
Ou fe tendes da India algũs finais?

Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,  
Eſtrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, ſam aquelles que criou  
A Natura fem Lei, & fem Razão:  
Nos temos a Lei certa que infinou,  
O claro deſcendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o fenhorio,  
A mãy Hebreá teue, & o pai Gentio.

Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda eſta terra certa eſcala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
E por fer neceſſaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitála.

E porque tudo em fim vos notifique,  
Chamafe a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,  
Buſcando o Indo Idafpe, & terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem fejais  
Guiados pelas ondas fabiamente.  
Tambem fera bemfeito que tenhais,  
Da terra algum refrefco, & que o Regente  
Que esta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais neceffario vos proueja.

Iſto dizendo, o Mouro fe tornou  
A feus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente fe apartou,  
Com moſtras de deuida cortefia:  
Niſto Febo nas agoas encerrou,  
Co carro de Chriſtal, o claro dia:  
Dando cargo aa Irmaã, que alumiaſſe,  
O largo Mundo, em quanto repoufaſſe.

A noyte fe paſſou na laſſa frota,  
Com eſtranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Noua de tanto tempo defejada:  
Qualquer então conſigo cuyda, & nota  
Na gente, & na maneira defufa.  
E como os que na errada Seita crérão,  
Tanto por todo o mundo fe eſtendérão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reueftido de boninas,  
Os furiofos ventos repoufauão,  
Polas couas efcuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longo tempo coftumaua.

Mas affy como a Aurora marchetada,  
Os fermofos cabellos efpalhou,  
No Ceo fereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirarfe toda a armada,  
E de todos alegres fe adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lufitanas,  
Com refrefco da terra, em fi cuidando,  
Que fam aquellas gentes inhumanas:  
Que os apoufentos Cafpios habitando,  
A conquiftar as terras Afianas  
Vierão: & por ordem do deftino,  
O Imperio tomarão a Coftantino.

Recebe o Capitão alegremente,



O Mouro, & toda fua companhia,  
Dalhe de ricas peças hum presente,  
Que fo pera efte effeito ja trazia:  
Dalhe conferua doce, & dalhe o ardente  
Não vfado licor que dê alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come, & bebe.

Eftà a gente maritima de Lufo,  
Subida pela exarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo, & vfo,  
E a lingoagem tam barbara & enleada.  
Tambem o Mouro astuto eftà confufo,  
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.  
E perguntando tudo lhe dizia,  
Se porventura vinhão de Turquia.

E mais lhe diz tambem, que ver defeja  
Os liuros de fua ley, preceito, ou fé,  
Pera ver fe conforme à fua feja,  
Ou fe fam dos de Christo, como crê:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dé,  
Mostra das fortes armas de que vfauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valerofo Capitão,  
Por hum que a lingua efcura bem fabia:  
Darte ey Senhor illuftre relação

De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem fou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojofas de Turquia:  
Mas fou da forte Europa belicofa,  
Bufco as terras da India tam famofa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o vifibil, & inuifibil,  
Aquelle que criou todo o Emisspherio,  
Tudo o que fente, & todo o infenfibil  
Que padeceo deshonna, & vituperio,  
Sofrendo morte injufta, & infufribil:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por fubir os mortais da terra ao ceo.

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,  
Que bem poſſo eſcufar trazer eſcripto  
Em papel, o que na alma andar deuia.  
Se as armas queres ver, como tẽs dito,  
Comprido eſſe defejo te feria:  
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes  
Miniſtros, amoſtrar as armaduras,  
Vem arneſes, & peitos reluzentes,  
Malhas finas, & laminas feguras,  
Eſcudos de pinturas differentes,

Pilouros, efpingardas de aço puras,  
Arcos, & fagittiferas aljauas,  
Partafanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
As panellas fulfureas, tam danofas,  
Porem aos de Vulcano nam confente  
Que dem fogo aas bombardas temerofas:  
Porque o generoso animo, & valente,  
Entre gentes tam poucas, & medrofas,  
Não mostra quanto pode, & com razão,  
Que he fraqueza entre ouelhas fer lião.

Porem difto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mà de penfamento.  
Nas moftras, & no gesto o não moftrou:  
Mas com rifonho, & ledo fingimento,  
Tratalos brandamente determina,  
Ate que moftrar poffa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podeffe aa India fer leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuarão,  
Do trabalho que niffo for tomado.  
Prometellos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, & tão danado:  
Que a morte fe podeffe neste dia,

Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mà vontade,  
Que aos eftrangeiros fupito tomou,  
Sabendo fer fequaces da verdade,  
Que o filho de Daud nos enfinou,  
Os fegredos daquella Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aqueles de quem fofte tanto amigo?

Partiofe nisto em fim co a companhia,  
Das naos o falfo Mouro despedido,  
Com enganofa & grande cortefia,  
Com gefto ledto a todos, & fingido:  
cortárão os bateis a curta via  
Das agoas de Neptuno, & recebido  
Na terra do obfequente ajuntamento,  
Se foy o Mouro ao cognito apoufento:

Do claro affento Etereo, o grão Tebano,  
Que da paternal coxa foy nascido  
Olhando o ajuntamento Lufitano,  
Ao Mouro fer molefto, & auorrecido:  
No penfamento cuyda hum falfo engano  
Com que feja de todo deftruydo.  
E em quanto ifto fo na alma imaginaua  
Configo eftas palauras praticaua.

Eftà do fado ja determinado,  
Que tamanhas victorias tam famofas,  
Ajão os Portuguefes alcançado,  
Das Indianas gentes belicofas.  
E eu fo filho do Padre fublimado,  
Com tantas qualidades generofas:  
Ey de fofrer que o Fado fauoreça  
Outrem, por quem meu nome fe efcoreça?

Ia quiferam os Deofes que tiueffe,  
O filho de Filipo nefta parte,  
Tanto poder, que tudo fometeffe  
Debaixo do feu jugo, o fero Marte:  
Mas affe de foffrer que o Fado deffe,  
A tam poucos tamanho esforço, & arte  
Queu co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lufitan?

Não fera affy, porque antes que chegado  
Seja efte Capitão, astutamente  
Lhe fera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Porque fempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo fe aproueita.

Ifto dizendo yrado, & quafi infano,  
Sobre a terra Affricana defcendeo,

Onde vestindo a forma & gesto humano,  
Pera o Praffo fabido fe moueo.  
E por melhor tecer o aftuto engano,  
No gesto natural fe conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, fabio, & co Xequé muy valido.

E entrando affy a falarlhe, a tempo & horas,  
A fua falfidade acomodadas,  
Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
Eftas que ora de nouo fam chegadas:  
Que das nações na cofta moradoras,  
Correndo a fama veio, que roubadas,  
Forão por estes homens que paffauão,  
Que com pactos de paz fempre ancorauão.

E fabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos fanguinolentos,  
Que quafi todo o mar tem destruido,  
Com roubos, com incendios violentos:  
E trazem ja de longe engano vrdido,  
Contra nos, & que todos feus intentos  
Sam pera nos matarem, & roubarem,  
E mulheres & filhos captiuarem.

E tambem fey que tem determinado,  
De vir por agoa a terra muito cedo,  
O Capitão dos feus accomponhado,  
Que da tençam danada nafce o medo:

Tu deues de yr tambem cos teus armado  
Esperallo em cilada, occulto & quedo:  
Por que faíndo a gente defcuydada,  
Cairão facilmente na cilada.

E fe inda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja aftuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde fejão destruydos,  
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que eftas palauras acabou,  
O Mauro nos tais cafos, fabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal confelho:  
E logo neffe instante concertou,  
Pera a guerra o beligerο aparelho:  
Pera que ao Portugues fe lhe tornaffe,  
Em roxo fangue a agoa que bufcasse.

E bufca mais pera o cuydado engano,  
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,  
Sagaz, aftuto, & fabio em todo o dano  
De quem fiar fe poffa hum feito grande,  
Dizlhe que acompanhando o Lufitano,  
Por tais coftas, & mares co elle ande:

Que fe daqui efcapar, que la diante  
Va cair onde nunca fe aleuante.

Ia o rayo Apolina vifitaua,  
Os Montes Nabatheos acendido,  
Quando Gama cos feus determinaua,  
De vir por agoa a terra apercebido:  
A gente nos bateis fe concertaua,  
Como fe foffe o engano ja fabido:  
Mas pode fofpeitarfe facilmente,  
Que o coração prefago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
De antes pelo Piloto neceffario:  
E foilhe refpondido em fom de guerra,  
Cafo do que cuydaua muy contrario:  
Por ifto, & porque fabe quanto erra,  
Quem fe cre de feu perfido aduerfario,  
Apercebido vay como podia,  
Em tres bateis fomite que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
Por lhe defender a agoa defejada,  
Hum de efcudo embarcado, & de azagaya,  
Outro de arco encuruado, & feta eruada:  
Efperão que a guerreira gente faya,  
Outros muytos ja poftos em cillada.  
E porque o cafo leue fe lhe faça,  
Poem hũs poucos diante por negaça.



Andão pela ribeira alua arenofa,  
Os belicofos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a aftea perigofa,  
Os fortes Portuguefes incitando:  
Nam foffre muito a gente generofa,  
Andarlhe os cães os dentes amoftrando.  
Qualquer em terra falta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro fanguino, o ledο amante,  
Vendo a fermofa dama defejada,  
O Touro bufca, & pondo fe diante,  
Salta, corre, fibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroçe neffe instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo fe leuanta,  
Na furiofa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado efpanta:  
Ferido o ar retumba, & affouia:  
O coraçam dos Mouros fe quebranta,  
O temor grande o fangue lhe refria.  
Ia foge o efcondido de medrofo,  
E morre o defcuberto auenturofo.

Não fe contenta a gente Portuguefa:

Mas feguindo a victoria eftrue, & mata  
A pouoação fem muro, & fem defefa,  
Esbombardea, acende, & desbarata.  
Da caualgada ao Mouro ja lhe pefa,  
Que bem cuidou comprala mais barata:  
Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a feta o Mouro vay tirando,  
Sem força, de couarde, & de apreffado,  
A pedra, o pao, & o canto arremeffando,  
Dalhe armas o furor defatinado:  
Ia a Ilha, & todo o mais, defemparando,  
Aa terra firme foge amedrontado.  
Paffa, & corta do mar o eftreito braço,  
Que a Ilha em torno cerca, em pouco eſpaço.

Hũs vão nas almádías carregadas,  
Hum corta o mar a nado diligente,  
Quem fe affoga nas ondas encuruadas,  
Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
Arrombão as meudas bombardadas  
Os Pangaioſ fotis da bruta gente.  
Desta arte o Portugues em fim caſtiga,  
A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão victorioſos pera a armada,  
Co deſpojo da guerra, & rica preſa,  
E vão a feu prazer fazer agoada,

Sem achar refiftencia, nem defefa  
Ficaua a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acefa.  
E vendo fem vingança tanto dano,  
Somente estriba no fegundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella inica terra,  
Sem fer dos Lufitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falfo prometido,  
Que toda a mà tenção no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,  
Como em final das pazes que trataua.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,  
Tornar a feu caminho acoftumado,  
Que tempo concertado, & ventos tinha,  
Pera yr bufcar o Indo defejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy delle alegremente agafalhado:  
E respondendo ao menfageiro, a tento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Desta arte defpedida a forte armada,  
As ondas de Anfitrite diuidia,  
Das filhas de Nerêo acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia.  
O Capitão, que não cahia em nada,

Do enganofo ardil que o Mouro vrdia:  
Delle muy largamente fe informaua,  
Da India toda, & coftas que paffaua:

Mas o Mouro inftruido nos enganos,  
Que o maléuolo Baco lhe enfinára  
De morte, ou captiueiro nouos danos,  
Antes que aa India chegue lhe prepara,  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o que pede lhe declara.  
Que auendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente fe temia.

E diz lhe mais co falfo penfamento,  
Com que Synon os Phrigios enganou,  
Que perto eftà hũa Ilha, cujo affento,  
Pouo antigo Chriftão fempre abitou:  
O Capitão que a tudo eftaua a tento,  
Tanto co estas nouas fe alegrou,  
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
Que o leue aa terra onde efta gente eftaua.

Ho mesmo o falfo Mouro determina,  
Que o seguro Chriftão lhe manda & pede,  
Que a Ilha he poffuida da malina  
Gente, que fegue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porque em poder & forças muito excede  
Aa Moçambique, efta Ilha que fe chama

Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera là fe inclinava a leda frota:  
Mas a Deofa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota,  
Por yr buſcar a morte não cuidada,  
Não confente que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto amada.  
E com ventos contrairos a defuia,  
Donde o Piloto falſo a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,  
Tal determinação levar auante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em feu propoſito constante,  
Lhe diz, que pois as agoas difcorrendo,  
Os leuãrão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Erão Chriſtãos com Mouros juntamente.

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
Como por regimento em fim leuava,  
Que aqui gente de Chriſto não auia:  
Mas a que a Mahamede celeebraua.  
O Capitão que em tudo o mouro cria,  
Virando as vellas, a Ilha demandava:  
Mas nam querendo a Deofa guardadora,  
Nam entra pela barra, & furge fora.

Eftaua a Ilha aa terra tam chegada,  
Que hum eftreito pequeno a diuidia,  
Hũa cidade nella fituada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe defcobria,  
Regida por hum Rei de antigua idade,  
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E fendo a ella o Capitão chegou,  
Eftranhamente ledó, porque efpera  
De poder ver o pouo baptizado,  
Como o falfo Piloto lhe differa:  
Eis vem bateis da terra com recado  
Do Rei, que ja fabia a gente que era,  
Que Baco muito de antes o auifara,  
Na forma doutro Mouro que tomàra.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os penfamentos erão de inimigos,  
Segundo foy o engano defcuberto.  
O grandes & grauíffimo perigos,  
O caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente poem fua efperança,  
Tenha a vida tam pouca fegurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,

Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necefsidade auorrecida:  
Onde pode acolherfe hum fraco humano,  
Onde terà fegura a curta vida?  
Que não fe arme, & fe indigne o Ceo fereno.  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

## Canto Segundo

Ia nefte tempo o lucido Planeta,  
Que as horas vay do dia diftinguindo,  
Chegaua aa defejada, & lenta Meta,  
A luz Celefte aas gentes encobrimdo:  
E da cafa maritima fecreta,  
Lhe eftaua o Deos Nocturno a porta abrído:  
Quando as infidas gentes fe chegarão  
Aas naos, que pouco auia que ancorarão

Dantre elles hum que traz encomendado,  
O mortifero engano, afsi dezia.  
Capitão valerofo, que cortado  
Tens de Neptuno o reyno, & falſa via,  
O Rei que manda eſta Ilha, aluoraçado  
Da vinda tua tem tanta alegria,  
Que nam defeja mais que agafalharte,  
Verte, & do neceffario reformarte.

E porque eſtà em eſtremo defejofo  
De te ver, como coufa nomeada,  
Te roga que de nada receofo,  
Entres a barra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhofo,  
Traras a gente debil, & canſada,  
Diz que na terra podes reformala,



Que a natureza obriga a defejada,

E fe bufcando vas mercadoria,  
Que produze o aurifero Leuante,  
Canella, Crauo, ardente efpeciaria,  
Ou Droga falutifera, & preftante:  
Ou fe queres luzente pedraria,  
O Rubí fino, o rigido Diamante:  
Daqui leuaras tudo tam fobejo.  
Com que faças o fim a teu defejo:

Ao menfageiro o Capitão refponde,  
As palauras do Rei agradecendo,  
E diz que porque o Sol no mar fe efconde,  
Não entra pera dentro obedecendo,  
Porem que como a luz mostrar por onde  
Va fem perigo, a frota não temendo,  
Comprirà fem receio feu mandado,  
Que a mais por tal fenhør eſtà obrigado.

Perguntalhe deſpois, fe eſtão na terra  
Chriſtãos, como o Piloto lhe dizia,  
O menfageiro aſtuto que não erra,  
Lhe diz, que a mais da gẽte em Chriſto cria:  
Deſta forte do peito lhe deſterra  
Toda a ſoſpeita, & cauta fantafia:  
Por onde o Capitão feguramente,  
Se fia da infiel, & falſa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
Por culpas, & por feitos vergonhofos  
Porque podeffem fer auenturados,  
Em cafos defta forte duuidofos.  
Manda dous mais fagazes, enfaitados,  
Porque notem dos Mouros enganofos,  
A Cidade, & poder, & porque vejão,  
Os que Chriftãos, que fo tanto ver defejão.

E por eftes ao Rei presentes manda,  
Porque a boa vontade que mostraua,  
Tenha firme, fegura, limpa, & branda,  
A qual bem ao contrario em tudo eftaua.  
Ia a companhia perfida, enefanda  
Das naos fe defpedia, & o mar cortaua,  
Foram com gestos ledos, & fingidos,  
Os dous da frota em terra recebidos.

E depois que ao Rei apresentarão,  
Co recado os presentes que trazião,  
A Cidade correrão, & notarão  
Muito menos daquillo que querião,  
Que os Mouros cautelofos fe guardarão  
De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
Que onde reina a malicia, eftà o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que fempre a mocidade  
Tem no rofto perpetua, & foy nafcido

De duas mãis: que vrdia a falfidade,  
Por ver o nauegante deftruydo:  
Eftaua nũa cafa da Cidade,  
Com rofto humano, & habito fingido  
Mostrandofe Chriftão, & fabricaua  
Hum altar fumptuofo que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto & Sancto fpirito a pintura,  
A candida Pombinha debuxada,  
Sobre a vnica Fenix virgem pura,  
A companhia fancta eftà pintada,  
Dos doze tam toruados na figura,  
Como os que, fo das lingoas que cayrão,  
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
Onde com este engano Baco estaua  
Poem em terra os giolhos, & os fentidos  
Naquelle Deos, que o mundo gouernaua  
Os cheiros excellentes produzidos,  
Na Panchaia odorifera queimaua  
O Thioneû, & afsi por derradeiro  
O falfo Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agafalhados,  
Com todo o bom, & honefto tratamento  
Os dous Chriftãos, nam vendo que enganado  
Os tinha o falfo, & fancto fingimento:

Mas afsi como os rayos efpalhados  
Do Sol forão no mundo, & num momento  
Apareceo no rubido Orizonte,  
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado  
Do Rei, pera que entraffem, & configo  
Os dous que o Capitão tinha mandado,  
A quem fe o Rei moftrou fincêro amigo:  
E fendo o Portugues certificado,  
De não auer receio de perigo.  
E que gente de Chrifto em terra auia,  
Dentro no falforio entrar queria

Dizem lhe os que mandou, que em terra vîrão,  
Sacras aras, & facerdote fancto,  
Que ali fe agafalhàrão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o efcurο manto:  
E que no Rei, & gentes não sentirão  
Senão contentamento, & gosto tanto:  
Que não podia certo auer fofpeita,  
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co ifto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que fubião,  
Que leuemente hum animo fe fia,  
De mostras que tão certas parecião:  
A nao da gente perfida fe enchia,  
Deixando a bordo os barcos que trazião:

Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a prefa defejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,  
Armas, & munições, que como viffem  
Que no Rio os nauios ancorauão,  
Nelles oufadamente fe fubiffem:  
E nefta treição determinauão,  
Que os de Lufo de todo deftruiffem:  
E que incautos pagaffem deste geito  
O mal que em Moçambique tinham feito.

As ancoras tenaces vão leuando,  
Com a nautica grita coftumada,  
Da proa as vellas fos ao vento dando,  
Inclinão pera a barra abalifada:  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andaua fempre a gente afsinalada:  
Vendo a cilada grande, & tam fecreta,  
Voa do Ceo ao Mar como hũa feta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
Com toda a mais cerulea companhia,  
Que porque no falgado Mar nafceo,  
Das agoas o poder lhe obedecia.  
E propondo lhe a cauza a que deceo,  
Com todos juntamente fe partia:  
Pera eftoruar que a armada não chegaffe  
Aonde pera fempre fe acabaffe.

Ia na agoa erguendo vão com grande preffa,  
Com as argenteas caudas branca efuma,  
Cloto co peito corta, & atraueffa  
Com mais furor o Mar do que coftuma.  
Salta Nife, Nerine fe arremeffa,  
Por cima da agoa crefpa, em força fuma:  
Abrem caminho as ondas encuruadas,  
De temor das Nereidas apreffadas.

Nos hombros de hum Tritão com gefto acefo,  
Vay a linda Dione furiofa,  
Não fente quem a leua o doce pefo,  
De foberbo, com carga tam fermofa:  
Ia chegão perto donde o vento tefo,  
Enche as vellas da frota belicofa.  
Repartenfe, & rodeão neffe instante  
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem fe a Deofa com outras em dereito  
Da proa capitaina, & ali fechando,  
O caminho da barra estão de geito,  
Que em vão affopra o vento, a vella inchado:  
Poem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detras a forte nao forçando.  
Outras em derredor leuandoa eftauão,  
E da barra inimiga a defuiauão.

Quaes pera a coua as pròuidas formigas,

Leuando o pefogrande acomodado,  
As forças exercitão, de inimigas,  
Do inimigo Inuerno congelado:  
Ali fam feus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostram vigor nunca esperado.  
Tais andauão as Nimphas eftoruardo  
Aa gente Portuguefa o fim nefando.

Torna pera detras a Nao forçada,  
A pefar dos que leua, que gritando,  
Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
O leme a hum bordo, & a outro atraueffando  
O Mefre aftuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estaua hum maritimo penedo,  
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha fe aleuanta,  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande eftrondo, a Maura gente efpanta,  
Como fe viffem horrida batalha:  
Nam fabem a razão de furia tanta,  
Nam fabem nefta preffa quem lhe valha,  
Cuydão que feus enganos fam fabidos,  
E que ande fer por iffo aqui punidos.

Eilos fubitamente fe lançaão,  
A feus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar aleuantauão,

Saltando nagoa a nado fe acolhião:  
De hum bordo & doutro fubito faltauão,  
Que o medo os compelia do que vião.  
Que antes querem ao mar auenturarfe,  
Que nas mãos inimigas entregarfe.

Afsi como em feluatica alagoa,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se fentem por ventura vir peffoa,  
Estando fora da agoa incautamente,  
Daqui, & dali faltando, o charco foa,  
Por fogir do perigo que fe fente,  
E acolhendo fe ao couto que conhecem,  
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Afsi fogem os Mouros, & o Piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiâra,  
Crendo que feu engano eftaua noto,  
Tambem foge faltando na agoa amara:  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce, & cara:  
A ancora folta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a eftranheza  
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,  
O Piloto fugir lhe com prefteza,  
Entende o que ordenaua a bruta gente,  
E vendo fem contraste, & fem braueza



Dos ventos, ou das, agoas fem corrente,  
Que a Nao paffar auante não podia,  
Auendo o por milagre afsi dezia.

O cafo grande, eftranho, & não cuydado,  
O milagre clarifsimo, & euidente,  
O defcuberto engano inopinado,  
O perfida inimiga, & falfa gente,  
Quem poderà do mal aparelhado  
Liurarfe fem perigo fabiamente.  
Se la de cima a guarda foberana,  
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos moftra a diuina prouidencia,  
Destes portos, a pouca fegurança,  
Bem claro temos vifto na apparencia,  
Que era enganada a noffa confiança  
Mas pois faber humano, nem prudencia  
Enganos tam fingidos nam alcança:  
O tu guarda diuina, tem cuidado  
De quem fem ti nam pode fer guardado.

E fe te moue tanto a piedade,  
Defta mifera gente peregrina,  
Que fo por tua altifsima bondade,  
Da gente a faluas, perfida & malina,  
Nalgum porto feguro de verdade:  
Conduzirmos ja agora determina,  
Ou nos amostra a terra que bufcamos,

Pois fo por teu feruiço nauegamos.

Ouuiolhe eftas palauras piadofas,  
A fermofa Dione, & comouida,  
Dantre as Nimphas fe vay, que faudofas  
Ficarão defta fubita partida:  
Ia penetra as Eftrellas luminofas,  
Ia na terceyra Efphera recebida  
Auante paffa, & la no fexto Ceo  
Pera onde eftaua o Padre fe moueo.

E como hia afrontada do caminho  
Tão fermofa no gefto fe mostraua,  
Queas Eftrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,  
E tudo quanto a via namoraua  
Dos olhos, onde faz feu filho o ninho  
Hūs efpiritos viuos inspiraua,  
Com que os Polos gelados acendia,  
E tornaua do Fogo a efphera fria.

E por mais namorar o foberano  
Padre, de quem foy fempres amada, & cara  
Se lhaprefenta afsi como ao Troyano,  
Na felua Idea ja fe apresentàra:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matàrão,  
Que primeiro defejos o acabárão.

Os creſpos fios douro ſe eſparzião  
Pelo colo, que a neve eſcurecia,  
Andando as lacteas tetas lhe tremião,  
Com quem Amor brincava, & não ſe via.  
Da alua petrina flamas lhe ſaião,  
Onde o minino as almas acendia.  
Polas lifas colūnas lhe trepauão,  
Deſejos, que como Era ſe enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
De quem vergonha he natural reparo,  
Porem nem tudo eſconde, nem deſcobre  
O veo dos roxos lirios pouco auaro:  
Mas pera que o deſejo acenda, & dobre,  
Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
Ia ſe fentem no Ceo, por toda a parte,  
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

E mostrando no angelico ſembrante,  
Co rifo hũa tristeza miſturada,  
Como dama que foi do incauto amante,  
Em brincos amorofos mal tratada,  
Que ſe aqueixa, & ſe ri, num meſmo inſtãte,  
E ſe torna entre alegre maogada.  
Deſta arte a Deoſa, a quem nenhũa iguala,  
Mais mimofa que trifte ao Padre fala.

Sempre eu cuidey, ô Padre poderofa,  
Que pera as couſas, que eu do peito amaffe

Te achaffe brando, affabil, & amoroso,  
Poſto que a algum contrairo lhe peſaffe:  
Mas pois que contra my te vejo yroſo,  
Sem que to mereceſſe, nem te erraſſe.  
Façaſe como Baco determina,  
Affentarey em fim que fuy moſina.

Eſte pouo que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em vão caidos vejo,  
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu deſejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pejejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Quero lhe querer mal, fera guardado.

Mas mouroa em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & niſto de mimoſa  
O roſto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orualho fica a freſca roſa.  
Calada hum pouco, como ſe entre os dentes  
Lhe impedira a falla piedoſa.  
Torna a feguila, & indo por diante,  
Llhe atalha o poderoso, & grão Tonante.

E deſtas brandas moſtras comouido,  
Que mouerão de hum Tigre o ptito duro,  
Co vulto alegre, qual do Ceo fubido,  
Torna fereno & claro o ar eſcuro.

As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
Na face a beija, & abraça o colo puro.  
De modo que dali, fe fo fe achara,  
Outro nouo Cupido fe gerara.

E co feu apertando o rofto amado,  
Que os faluços, & lagrimas aumenta,  
Como minino da ama castigado,  
Que quem no affago o choro lhe acrecenta,  
Por lhe por em foffego o peito yrado,  
Muitos cafos futuros lhe apresenta.  
Dos fados as entranhas reuoluendo,  
Defta maneira em fim lhe eftà dizendo.

Fermofa filha minha não temais  
Perigo algum, nos voffos Lufitanos,  
Nem que ninguem comigo poffa mais,  
Que effes chorofos olhos foberanos:  
Que eu vos prometo filha que vejais  
Efquecerenfe Gregos & Romanos.  
Pelos illuftres feitos que esta gente,  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Que fe o facundo Vliffes efcapou,  
De fer na Ogigia Ilha, eterno efcauro:  
E fe Antenor os feios penetrou,  
Iliricos, & a fonte de Timauro.  
E fe o piadofo Eneas nauegou,  
De Scila, & de Caribdis o Mar brauo.

Os vossos môres coufas atentando,  
Nouos mundos ao mundo yrão moftrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,  
Por elles vereis filha edificados:  
Os Turcos belacifsimos & duros,  
Delles fempre vereis desbaratados.  
Os Reis da India liures, & feguros,  
Vereis ao Rei potente fojugados.  
E por elles de tudo em fim fenhores,  
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis efte, que agora prefurofo,  
Por tantos medos o Indo vay bufcando,  
Tremar delle Neptuno de medrofo,  
Sem vento fuas agoas encrefpando.  
O cafo nunca vifto, & milagrofo  
Que trema, & ferua o Mar em calma eftãdo?  
O gente forte, & de altos penfamentos,  
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
Que inda ha de fer hum porto muy decente,  
Em que vão defcanfar da longa via,  
As naos que nauegarem do Occidente.  
Toda efte cofta em fim, que agora vr dia,  
O mortifero engano, obediente,  
Lhe pagará tributos, conhecendo,  
Não poder refistir ao Lufo horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famofo,  
Tornar felhe amarello de infiado:  
Vereis de Ormuz o Reino poderofa,  
Duas vezes tomado, & fojugado.  
Ali vereis o Mouro furiofo,  
De fuas mefmas fetas traſpaffado.  
Que quem vay contra os voffos, claro veja,  
Que fe refifte, contra fi peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio fortes,  
Que dous cercos terà, dos voffos fendo:  
Ali fe mostrarà feu preço, & forte,  
Feitos de armas grandiffimos fazendo.  
Enuejofo vereis o grão Mauorte,  
Do peito Lufitano, fero & horrendo.  
Do Mouro ali verão que a voz extrema,  
Do falfo Mahamede ao Ceo blafema.

Goa vereis aos Mouros fer tomada,  
A qual virá deſpois a fer fenhora,  
De todo o Oriente, & fublimada  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali foberba altiua, & exalçada,  
Ao Gentio que os Idolos adora.  
Duro freo porà, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos voffos guerra.

Vereis a fortaleza fuſtentarfe,

De Cananor, com pouca força & gente:  
E vereis Calecu desbaratarfe,  
Cidade populosa, & tam potente.  
E vereis em Cochim afsinalarfe,  
Tanto hum peito foberbo, & insolente,  
Que Cîtara ja mais cantou victoria,  
Que afsi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furiofo,  
Se vio feruer Leucate, quando Augufto  
Nas ciuês Actias guerras animofo,  
O Capitão venceo Romano injusto,  
Que dos pouos de Aurora, & do famofo  
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,  
A victoria trazia, & prefa rica,  
Prefo da Egipcia linda & não pudica.

Como vereis o mar feruendo acefo,  
Cos incendios dos voffos pelejando,  
Leuando o Idololatra, & o Mouro prefo,  
De nações differentes triumphando.  
E fogeita a rica Aurea Cherfonefo,  
Ate o longico China nauegando.  
E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
Serlhe a todo o Occeano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
Amoftrarão esforço mais que humano,  
Que nunca fe vera tam forte peito,



Do Gangetico mar ao Gaditano,  
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
Que mostrou o agrauado Lufitano:  
Pofo que em todo o mundo, de affrontados  
Refucitaffem todos os paffados.

Como isto diffe, manda o confagrado  
Filho de Maia aa terra, porque tenha,  
Hum pacifico porto, & foffegado,  
Pera onde fem receyo a frota venha:  
E pera que em Mombaça, auenturado  
O forte Capitão fe não detenha,  
Lhe mãda mais, que em fonhos lhe mostraiffe  
A terra, onde quieto repoufaiffe.

Ia pelo ar o Cylenêo voaua,  
Com as afas nos pêas aa terra deçe,  
Sua vara fatal na mão leuaua,  
Com que os olhos cançados adormece:  
Com efa, as triftes almas reuocaua,  
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.  
Na cabeça o galêro coftumado,  
E defta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
Do Lufitano, o preço grande, & raro,  
Que o nome illuftre a hũ certo amor obriga,  
E faz a quem o tem, amado & caro.  
Defta arte vay fazendo a gente amiga,

Co rumor famofififimo, & perclaro.  
Ia Melinde em defejos arde todo,  
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,  
Aonde as naos eftauão temerofas,  
Pera que aa gente mando que fe aparte  
Da barra imiga, & terras fofpeitofas:  
Porque muy pouco val esforço, & arte,  
Contra infernais vontades enganofas:  
Pouco val coração, aftucia , & fifo,  
Se la dos Ceos nam vem celefte auifo.

Meyo caminho a noite tinha andado,  
E as Eftrellas no Ceo co a luz alheia,  
Tinhão o largo Mundo alumiado,  
E fo co fono a gente fe recreia.  
O Capitão illuftre, ja canfado,  
De vigiar a noite, que arreceia,  
Breue repoufo antam aos olhos daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em fonhos lhe appareçe,  
Dizendo, fuge, fuge Lufitano,  
Da cilada que o Rei malicado teçe,  
Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauoreçe,  
Seren o tempo tês, & o Occeano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,

Onde podes feguro agafalharte.

Não tens aqui fe não aparelhado,  
O hospicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo fer manjar acostumado,  
De caualllos a gente que hospedaui:  
As aras do Bufiris infamado,  
Onde os hóspedes tristes imolaua  
Teràs certas aqui fe muito esperas,  
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite ao longo da cofta difcorrendo,  
E outra terra acharàs de mais verdade  
La quafi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia, & noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
Gafalhado feguro te daria,  
E pera a India certa & fabia guia.

Isto Mercurio diffe, & o fono leua  
Ao Capitão, que com muy grande efpanto  
Acorda, & ve ferida a efcura treua,  
De hũa fubita luz, & rayo fancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Não fe deter na terra iniqua tanto.  
Com nouo fprito ao Mestre feu mandaua,  
Que as vellas deffe ao vento que affopraua.

Day vellas, diffe, day ao largo vento,  
Que o Ceo nos fauoreçe, & Deos o manda,  
Que hum menfageiro vi do claro affento  
Que fo em fauor de noffos paffos ando:  
Aleuantafe nifto o mouimento,  
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,  
Leuão gritando as ancoras acima,  
Moſtrando a ruda força, que fe estima.

Nefte tempo, que as ancoras leuauão,  
Na fombra eſcura os Mouros eſcondidos,  
Manſamente as amarras lhe cortauão,  
Por ferem, dando aa coſta, deftruydos:  
Mas com viſta de Linces vigiauão,  
Os Portuegueses ſempre apercebidos.  
Elles como acordados os fentirão,  
Voando, & não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,  
Hião as vias humidas de argento,  
Affopralhe galerno o vento, & brando,  
Com ſuaue & ſeguro mouimento,  
Nos perigos paſſados vão falando,  
Que mal fe perderão do penſamento,  
Os caſos grandes, donde em tanto aperto  
A vida em faluo eſcapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
E noutra começaua, quando virão

Ao longe dous nauios, brandamente  
Cos ventos nauegando, que respirão,  
Porque auião de fer da Maura gente,  
Pera elles arribando, as vellas virão.  
Hum de temor do mal que arreceaua,  
Por fe faluar a gente aa costa daua.

Não he o outro que fica tão manhoso:  
Mas nas mãos vay cair do Lufitano,  
Sem o rigor de Marte furioso,  
E fem a furia horrenda de Vulcano,  
Que como fosse debil & medroso,  
Da pouca gente o fraco peito humano:  
Não teue refistencia, & fe a tiuêra,  
Mais dão refistindo recebêra.

E como o Gama muito defejasse,  
Piloto pera a India que buscava,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
Mas não lhe foccedeo como cuidava,  
Que nenhum delles ha que lhe infinasse  
A que parte dos Ceos a India estava.  
Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
Melinde onde acharão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
Condiçam liberal, sincero peito,  
Mognificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandissimo respeito.

O Capitão o affella por verdade,  
Porque ja lho differa defte geito,  
O Cydenêo em fonhos, & partia,  
Pera onde o fonho, & o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre quando entraua,  
No roubador de Europa a luz Febea,  
Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua  
E Flora derramaua o de Amalthea:  
A memoria do dia renouaua,  
O prefurofo Sol, que o Ceo rodea.  
Em que aquelle, a quem tudo eftà fogeito,  
O fello pos a quanto tinha feito.

Quando chegaua a frota aaquella parte,  
Onde o Reino Melinde ja fe via,  
De toldos adornada, & leda de arte  
Que bem moftra eftimar o Sancto dia:  
Treme a Bandeira, voa o Eftandarte,  
A cor porpurea ao longe aparecia.  
Soão os atambores & pandeiros,  
E afsi entrauão ledos & guerreiros.

Enche fe toda a praya Molindana,  
Da gente que vem ver a leda armada,  
Gente mais verdadeira, & mais humana  
Que toda a doutra terra atras deixada.  
Surge diante a frota Lufitana,  
Pega no findo a ancora pefada.

Mandão fora hum dos Mouros ã tomàrão,  
Por quem fua vinda ao Rei manifestàrão.

O Rei que ja fabia da nobreza  
que tanto os Portuguefes engrandece,  
Tomarem o feu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortifsima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
Que os peitos generofos ennobrece.  
Lhe manda rogar muyto que faiffem,  
Pera que de feus Reinos fe feruiffem:

Sam offerecimentos verdadeiros,  
E palauras finceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
Que tanto mar & terras tem paffadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domefticas çeuadas,  
Com as fructas que antam na terra auia,  
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
O menfageiro ledó, & feu recado,  
E logo manda ao Rei outro prefente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Efcarlata purpurea, cor ardente,  
O ramofo coral fino, & prezado.  
Que debaxo das agoas mole creçe,  
E como he fora dellas fe endureçe.

Manda mais hum na pratica elegante,  
Que co Rei nobre as pazes concertaffe,  
E que de não fair naquelle infante,  
De fuas naos em terra o desculpaffe.  
Partido afsi o embaixador prestante,  
Como na terra ao Rei fe apresentaffe:  
Com eftillo que Palas lhe enfindaua,  
Estas palauras tais fallando oraua.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
Foy da fuma Iustiça concedido,  
Refrear o foberbo pouo duro,  
Não menos delle amado, que temido,  
Como porto muy forte, & muy feguro,  
De todo o Oriente conhecido:  
Te vimos a bufcar, pera que achemos  
Em ti o remedio certo que queremos.

Não fomos roubadores, que paffando  
Pelas fracas cidades defcuidadas,  
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando  
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
Mas da foberba Europa nauegando,  
Himos bufcando as terras apartadas  
Da India grande, & rica, por mandado  
De hum Rei que temos, alto, & fublimado.

Que geração tam dura ahi de gente?



Que barbaro costume, & vfança fea,  
Que não vedem os pertos, tam fomite:  
Mas inda o hospicio da deferta area?  
Que ma tençam? que peito em nos fe fente?  
Que de tam pouca gente fe arrecea.  
Que com laços armados tam fingidos,  
Nos ordenaffem vernos deftruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
Acharfe mais verdade, o Rei benigno,  
E aquella certa ajuda em ti efperamos,  
Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
A teu porto seguros nauegamos,  
Conduzidos do interprete diuino.  
Que pois a ti nos manda, eftà muy claro,  
Que es de peito fincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não faiffe.  
O noffo Capitão efclarecido  
A verte, ou a feruirte, porque viffe  
Ou fospeitaffe em ti peito fingido:  
Mas faberas que o fez porque compriffe,  
O regimento em tudo obedecido,  
De feu Rei, que lhe manda que nam faia,  
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.

E porque he de vaffalos, o exercicio,  
Que os membros tem regidos da cabeça  
Não quereras, pois tês de Rei o officio,

Que ninguém a fêu Rei defobedeça:  
Mas as merçes, & o grande beneficio,  
Que ora acha em ti, promete que conheça  
Em tudo aquillo que elle & os feus poderem,  
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Afsi dizia, & todos juntamente,  
Hũs com outros em pratica fallando,  
Louuauão muito o eftamago da gente,  
Que tantos Ceos & mares vai paffando,  
E o Rei illuftre, o peito obediente,  
Dos Portuguefes, na alma imaginando.  
Tinha por valor grande, & muy fubido,  
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com rifonha vifta, & ledto afpeito,  
Responde ao Embaixador, que tanto estima  
Toda a fofpeita mà tiray do peito,  
Nenhum frio temor em vos fe imprima:  
Que voffo preço, & obras fam de geito,  
Pera vos ter o mundo em muyta eftima.  
E quem vos fez mollesto tratamento,  
Não pode ter fobido penfamento.

De não fair em terra toda a gente,  
Por obferuar a vfado preminencia,  
Ainda que me pefe eftranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia:  
Mas fe lho o regimento não confente,

Nem eu confentirey que a excellencia,  
De peitos tão leais em fi desfaça,  
So perque a meu defejo fatisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,  
Ao mundo for, em minhas almàdâs,  
Eu irey vifitar a forte armada,  
Que ver tanto defejo, ha tantos dias.  
E fe vier do mar desbaratada,  
Do furiofo vento, & longas vias:  
Aqui tera, de limpos penfamentos  
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto diffe, & nas agoas fe efcondia,  
O filho de Latona, & o menfageiro  
Co a embaixada alegre fe partia  
Pera a frota, no feu batel ligeiro:  
Enchem fe os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que bufcauão,  
E afsi ledos a noite feftejauão.

Não faltão ali os rayos de arteficio,  
Os tremulos Cometas imitando,  
Fazem os Bombardeiros feu officio:  
O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
Moftrafe dos Cyclopas o exercicio,  
Nas bombas que de fogo estão queimando,  
Outros com vozes, com que o Ceo ferião.

Instrumentos altiffonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,  
Co rayo volteando, com zonido,  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o po fulfureo efcondido:  
A grita fe aleuanta ao Ceo, da gente,  
O Mar fe via em fogos acendido:  
E não menos a terra, & afsi fefteja  
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
As gentes incitaua a feu trabalho,  
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
Ao fono longo punha certo atalho:  
Hião fe as fombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
Quando o Rei Milindano fe embarcaua  
A ver a frota que no mar estaua.

Vião fe em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver fo concorre leda,  
Luzem da fina purpura as cabaiaes,  
Lustrão os panos da tecida feda:  
Em lugar de guerreiras a zagaiaes  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,  
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
Venha de fedas de diuerfas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de feu Reino, & de fenhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo feus costumes, & primores.  
Na cabeça hũa fota guarneçada,  
De ouro, & de feda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles eftimada,  
Hum colar ao peſcoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he fuperada,  
Cum reſplendor reluze Adamantino,  
Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
Nas alparcas dos pêſ, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com hum redondo emparo alto de feda,  
Nũa alta & dourada aſtea enxerido,  
Hum miniſtro aa folar quentura veda,  
Que não offenda & queime o Rei ſubido:  
Muſica traz na proa, eſtranha & leda,  
De aſpero ſom, horriſſimo ao ouuido:  
De trombetas arcadas em redondo,  
Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,  
Nos feus bateis da frota ſe partia,

A receber no mar o Melindano,  
Com luftrofa & honrada companhia:  
Vestido o Gama vem ao modo Hispano:  
Mas Francefa era a roupa que vestia,  
De cetim da Adriatica Veneza,  
Carmefi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,  
Onde o Sol reluzindo a vista cega:  
As calças foldadefcas recamadas,  
Do metal que Fortuna a tantos nega,  
E com pontas do mefmo delicadas,  
Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
Ao Italico modo a aurea efpada,  
Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

Nos de fua companhia fe moftraua,  
Da tinta que dà o Mûrice excelente,  
A varia cor, que os olhos alegraua,  
E a maneira do trajo diferente:  
Tal o fermofo efmalte fe notaua,  
Dos vestidos olhados juntamente:  
Qual aparece o arco rutilante,  
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorofas trombetas incitauão,  
Os animos alegres refoando,  
Dos Mouros os bateis o Mar co lhauão,  
Os toldos pelas agoas arrojando:

As bombardas horriffonas bramando,  
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,  
Ameudam fe os brados acendidos,  
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

Ia no batel entrou do Capitão  
O Rei, que nos feus braços o leuaua,  
Elle coa cortefia, que a razão  
(Por fer Rei) requeria, lhe fallaua.  
Cũas moſtras de eſpanto, & admiração,  
O Mouro o geſto, & o modo lhe notoua,  
Como quem em muy grande estima tinha,  
Gente que de tam longe à India vinha.

E com grandes palauras lhe offereçe,  
Tudo o que de feus Reinos lhe compriffe,  
E que fe mantimento lhe falleçe,  
Como fe proprio foſſe lho pediffe:  
Diz lhe mais, que por fama bem conhece  
A gente Luſitana, ſem que a viſſe.  
Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
Com gente de ſua ley tiueſſe guerra.

E como por toda Affrica ſe foa,  
Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,  
Quando nella ganharão a coroa  
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:  
E com muitas palauras apregoa,  
O menos que os de Luſo merecerão:

E o mais que pela fama o Rei fabia:  
Mas deſta forte o Gama reſpondia.

O tu que fo tiueſte piedade,  
Rei benigno, da gente Lufitana,  
Que com tanta miſeria, & aduerſidade,  
Doe mares experimenta a furia infana.  
Aquella alta, & diuina eternidade,  
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
Pois que de ti tais obras reſcebemos,  
Te pague o que nos outros não pedemos.

Tu fo de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz do Mar profundo  
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achamos bom, fido, & jocundo.  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As Eſtrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,  
Viuirão teus lououres em memoria.

Iſto dizendo, os barcos vão remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver deſeja,,  
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,  
Porque de todas tudo note, & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o feſteja,  
E as trombetas canoras lhe tangião,  
Cos anafis os Mouros reſpondião.



Mas depois de fer tudo ja notado,  
Do generoso Mouro, que pasmaua,  
Ouindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostraua,  
Mandaua estar quieto, & ancorado,  
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
Por fallar de vagar co forte Gama,  
Nas coufas de que tem noticia, & fama.

Em praticas o Mouro diferentes,  
Se deleitaua, perguntando agora,  
Pelas guerras famosas & excelentes,  
Co pouo áuidas, que a Mafoma adora:  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
De toda a Hispheria vltima, onde mora:  
Agora pelos pouos seus vezinhos,  
Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valerofo Capitão,  
Nos conta, lhe dizia, diligente,  
Da terra tua o clima, & região  
Do Mundo onde morais diffintamente,  
E afsi de voffa antiga geração,  
E o principio do Reino tam potente:  
Cos fucceffos das guerras do começo,  
Que fem fabellas, fey que fam de preço.

E afsi tambem nos conta dos rodeios

Longos, em que te traz o Mar yrado,  
Vendo os coftumes barbaros alheios,  
Que a noffa Affrica ruda tem criado  
Conta: que agora vem cos aureos freios,  
Os cauallos que o carro marchetado,  
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.

E não menos co tempo fe parece,  
O defejo de ouuirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama não conheçe  
As obras Portuguefas fingulares:  
Não tanto defuiado refplandeçe,  
De nos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Melindanos tem tam rudo peito,  
Que não eftimem muito hum grande feito.

Cometerão foberbos os Gigantes,  
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritho, & Thefeu, de ignorantes,  
O Reino de Plutão horrendo & efcurο,  
Se ouue feitos no mundo tam poffantes,  
Não menos he trabalho illuftre, & duro,  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o fagrado templo de Diana,  
Do futil Tefifonio fabricado,  
Horoftrato, por fer da gente humana

Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O defejo de hum nome audentado.  
Mais razão ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

## Canto Terceiro

Agora tu Caliope me enfina,  
O que contou ao Rei, o illustre Gama:  
Inspira immortal canto, & voz diuina,  
Neste peito mortal, que tanto te ama.  
Afsi o claro inuentor da Medicina,  
De quem Orpheo parifte, o linda Dama:  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe  
Te negue o Amor diuido, como foe.

Poem tu Nimfa em effeito meu defejo,  
Como mereçe a gente Lufitana,  
Que veja & faiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre & mana,  
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
Banhar-me Apolo na agoa foberana.  
Senão direy, que tês algum receio,  
Que se efcoreça o teu querido Orpheio.

Promptos eftauão todos efcuitando,  
O que o fublime Gama contaria  
Quando, despois de hum pouco eftar cuidãdo,  
Aleuantando o rofto, afsi dizia:  
Mandas me, o Rei, que conte declarando,  
De minha gente a grão geanalofia:  
Não me manda contar eftranha hiftoria:

Mas mandas me louvar dos meus a gloria.

Que outrem possa louvar esforço alheio,  
Coufa he que se costuma, & se defeja:  
Mas louvar os meus proprios, arreceo,  
Que louvor tão fosperto mal me esteja,  
E pera dizer tudo, temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto feja:  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irey contra o que deuo, & ferey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
He não poder mentir no que differ,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas perque nisto a ordem leue & figa,  
Segundo o que defejas de faber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Depois direy da sanguinosa guerra.

Entre a Zona que o Cancro fenhorea,  
Meta Septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria se arrecea  
Tanto, como a do meyo por ardente,  
Iaz a foberba Europa, a quem rodea,  
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
Com suas faldas ondas o Oceano,  
E pela Auftral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
Com Afia fe auizinha: mas o Rio  
Que dos montes Rifeios vay correndo,  
Na alagoa Meotis, curuo & frio  
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
Vio dos Gregos o yrado fenhorio:  
Onde agora de Troia triunfante,  
Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
Os montes Hyperboreos aparecem,  
E aquelles onde fempore fopra Eolo,  
E co nome do fopros, fe ennobrecem,  
Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
Os rayos que no mundo reflandecem.  
Que a neue eftà contino pelos montes,  
Gelado o mar, geladas fempore as fontes.

Aqui dos Cytas, grande quantidade  
Viuem, que antigamente grande guerra  
Tiuerão, fobre a humana antiguidade,  
Cos que tinham antão a Egipcia terra:  
Mas quem tão fera estaua da verdade,  
(Ia que o juyzo humano tanto erra:)  
Pera que do mais certo fe informàra,  
Ao campo Damasceno o perguntàra.

Agora neftas partes fe nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noruega,

Efcandinauia Ilha, que fe arrea,  
Das victorias que Italia não lhe nega  
Aqui, em quanto as agoas não refrea,  
O congelado Inuerno, fe nauega.  
Hum braço do Sarmatico Occeoano,  
Pelo Brufio, Suecio, & frio Dano.

Entre efte Mar, & o Tanais viue eftranha  
Gente, Ruthenos, Mofcos, & Liunios,  
Sarmatas outro tempo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos fam Polonios  
Sugeitos ao Imperio de Alemanha,  
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, que o Reno frio  
Laua, & o Danubio, Amafis, & Albis Rio.

Entre o remoto Iftro, & o claro efteito,  
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
Estão os Traces de robufto peito,  
Do fero Marte, patria tam querida,  
Onde co Hemo, o Rodope fugeito  
Ao Otomano està, que fometida,  
Bizancio tem a feu feruiço indino,  
Boa injuria do grande Coftantino.

Logo de Macedonia eftão as gentes,  
A quem laua do Axio a agoa fria:  
E vos tamhem, o terras excelentes,  
Nos coftumes, engenhos, & oufadia,

Que criaftes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantafia:  
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no feio,  
Onde Antenor ja muros leuantou,  
A foberba Veneza eftâ no meio  
Das agoas, que tam baxa começou  
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
De esforço, nações varias fogeitou,  
Braço forte, de gente fublimada,  
Não menos nos engenhos que na efpada.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos muros naturais, por outra parte,  
Pela meyo o diuide o Apinino,  
Que tam illuftre fez o patrio Marte:  
Mas deſpois que o porteiro tem diuino,  
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
Pobre eftâ ja de antiga poteftade,  
Tanto Deos fe contenta de humildade.

Galia ali fe verà, que nomeada,  
Cos Cefareos Triumphos foy no mundo,  
Que do Sequana, & Rôdano he regada,  
E do Garuna frio, & Reno fundo:  
Logo os montes da Nimpha ſepultada  
Pyrene fe aleuantão, que fegundo



Antiguidades contão, quando arderão,  
Rios de ouro, & de prata antão corrêrão.

Eis aqui fe defcobre a nobre Eſpanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo fenhorio & gloria eſtranha,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
Mas nunca poderá, com força, ou manha,  
A fortuna inquieta porlhe noda:  
Que lha não tire o eſforço & ouſadia,  
Dos belicoſos peitos, que em fi cria.

Com Tingitania enteſta, & ali parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
Onde o ſabido eſtreito fe ennobrece,  
Co extremo trabalho do Thebano:  
Com nações differentes fe engrandece,  
Cercadas com as ondas do Occeano.  
Todas de tal nobreza, & tal valor,  
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que fe fez claro,  
Sujeitando Partênope inquieta,  
O Nauarro, as Aſturias, que reparo  
Ia forão, contra a gente Mohometa,  
Tem o Galego cauto, & o grande & raro  
Caſtelhano, a quem fez o ſeu Planeta,  
Reſtituidor de Eſpanha, & ſenhor della,  
Bethis, Lião, Granada, com Caſtella.

Eis aqui quafi cume da cabeça,  
De Europa toda, o Reino Lufitano,  
Onde a Terra fe acaba, & o Mar começa,  
E onde Febo repoufa no Oceano:  
Efte quis o Ceo jufto, que floreça  
Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
Deitando o de fi fora, & la na ardente  
Affrica eftar quieto o nam confente.

Efta he a ditofa patria minha amada,  
Aa qual fe o Ceo me da, que eu fem perigo  
Torne, com efta empresa ja acabada,  
Acabefe efta luz ali comigo.  
Efta foy Lufitania diriuada,  
De Lufo, ou Lyfa: que de Bacho antigo,  
Filhos forão pareçe, ou companheiros,  
E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Paftor nafceo, que no feu nome  
Se ve, que de homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virà que dome,  
Pois a grande de Roma não fe atreue:  
Efta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,  
Veio a fazer no mundo tanta parte,  
Criando a Reino illuftre, & foi defta arte.

Hum Rei, por nome Affonfo, foy na Eſpanha,

Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas fanguinas, força & manha  
A muitos fez perder a vida, & a terra:  
Voando defte Rei a fama eftranha,  
Do Herculano Calpe aa Cáfpiá ferra,  
Muitos, pera na guerra efclarecerfe,  
Vinhão a elle, & aa morte offerecerfe.

E com hum amor intrinfeco acendidos  
Da Fè, mais que das honras populares,  
Erão de varias terras conduzidos,  
Deixando a patria amada, & proprios lares  
Defpois que em feitos altos & fubidos.  
Se mostrarão nas armas fingulares.  
Quis o famofo Affonfo, que obras tais,  
Leuaffem premio digno, & dões agoais.

Deftes Anrique dizem que fegundo,  
Filho de hum Rei de Vngria exprimentado,  
Portugal ouue em forte, que no Mundo  
Entam não era illuftre, nem prezado:  
E pera mais final damor profundo,  
Quis o Rei Caftelhano, que caçado,  
Com Terefa fua filha o Conde foffe,  
E com ella das terras tomou poffe.

Efte defpois que contra os defcendentes,  
Da efkraua Agar, victorias grandes teue,  
Ganhando muitas terras adjacentes,

Fazendo o que a feu forte peito deue.  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deulhe o fupremo Deos, em tempo breue,  
Hum filho, que illuftraffe o nome vfano  
Do belicofo Reino Lufitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,  
Da cidade Hyerofolima fagrada,  
E do Iordão a area tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em fi lauada,  
Que não tendo Gotfredo a quem refifta,  
Depois de ter Iudea fojugada.  
Muitos que nestas guerras o ajudárão,  
Pera feus fenhorios fe tornàrão.

Quando chegado ao fim de fua idade,  
O forte & famofo Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necefsidade,  
O fpirito deu, a quem lho tinha dado:  
Ficaua o filho em tenra mocidade,  
Em quem o pay deixaua feu trafado:  
Que do Mundo os mais fortes igualaua,  
Que de tal pay tal filho fe efperaua.

Mas o velho rumor, não fey fe errado,  
Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
Conta que a mãy tomando todo o eftado  
Do fegundo Hymeneo, não fe despreza:  
O filho orfão deixaua deferdado,

Dizendo que nas terras, a grandeza  
Do fenhorio todo, fo sua era,  
Porque pera cafar feu pay lhas dera.

Mas o Principe Affonso, que desta arte  
Se chamaua, do Auô tomando o nome,  
Vendofe em fuas terras não ter parte,  
Que a mãy com feu marido as mãda & come,  
Feruendo lhe no peito o duro Marte,  
Imagina configo como as tome.  
Reuoluidas as caufas no conceito,  
Ao propofito firme fegue o effeito.

De Guimarães o campo fe tingia,  
Co fangue proprio da intestina guerra,  
Onde a mãy que tam pouco o perecia,  
A feu filho negaua o amor, & a terra,  
Co elle posta em campo ja fe via,  
E não ve a foberba, o muito que erra.  
Contra Deos, contra o maternal amor:  
Mas nella o fenfual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,  
Se em voffos propios filhos vos vingais  
Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
Olhay que inda Terefa peca mais:  
Incontinencia ma, cubiça fea,  
São as caufas deste erro principais.  
Scilla por hũa mata o velho pay,

Efta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,  
Do padraſto & da inica mãy leuaua,  
Ia lhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle pelejaua.  
Porem vencido de Ira o entendimento,  
A mãy em ferros aſperos ataua:  
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,  
Tanta veneração aos pais fe deue.

Eis fe ajunta o foberbo Castelhana,  
Pera vingar a injuria de Tereja,  
Contra o tam raro em gente Lufitano,  
A quem nenhum trabalho agraua, ou pefa:  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angelica defefa.  
Não fo contra tal furia fe fuftenta:  
Mas o inimigo aſperrimo affugenta.

Não paffa muito tempo, quando o forte  
Principe, em Guimarães eſta cercado,  
De infinito poder, que deſta forte,  
Foy refazerſe o immigo magoadado:  
Mas com fe offerecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy liurado.  
Que de outra arte podêra fer perdido,  
Segundo eſtaua mal apercebido.

Mas o leal vaffallo conhecendo,  
Que feu fenhor não tinha refiftencia,  
Se vay ao Caftelhano, prometendo,  
Que elle faria darlhe obediencia.  
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promeffa, & confciencia  
De Egas moniz mas não confente o peito  
Do moço illufre, a outrem fer fogeito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
Em que o Rei Castelhano ja agoardaua,  
Que o Principe a feu mando fometido,  
Lhe deffe a obediencia que efperaua.  
Vendo Egas, que ficaua fementido,  
O que delle Caftella não cuydaua,  
Determina de dar a doce vida,  
A troco da palaura mal comprida.

E com feus filhos & molher fe parte,  
A aleuantar co elles a fiança,  
Defcalços, & defpidos, de tal arte,  
Que mais moue a piedade que a vingança.  
Se pretendes Rei alto de vingarte,  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis aqui venho offerecido,  
A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas inocentes,  
Dos filhos fem peccado, & da conforte,

Se a peitos generofos, & excellentes,  
Dos fracos fatisfaz a fera morte.  
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes,  
Nellas fos exprimenta, toda forte  
De tormentos, de mortes, pelo eftillo  
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,  
Que ja na vido a morte tem bebido,  
Poem no çepo a garganta: & ja entregado,  
Efpera pelo golpe tam temido:  
Tal diante do Principe indinado,  
Egas eftaua a tudo offerecido:  
Mas o Rei vendo a eftranha lealdade,  
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguefa,  
De vaffallo, que a tanto fe obrigaua,  
Que mais o Perfa fez naquella emprefa,  
Onde rofto & narizes fe cortaua,  
Do que ao grande Dario tanto pefa,  
Que mil vezes dizendo fufpiraua.  
Que mais o feu Zopiro fão prezâra,  
Que vinte Babilonias que tomàra

Mas ja o Principe Affonfo aparelhaua,  
O Lufitano exercito ditofo,  
Contra o Mouro que as terras habitaua,  
Dalem do claro Tejo deleitofo:



Ia no campo de Ourique fe affentaua,  
O arraial foberbo, & belicofo:  
Defronte do inimigo Sarraceno,  
Poſto que em força, & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra coufa confiado,  
Senão no fummo Deos, que o Ceo regia,  
Que tam pouco era o pouo bautizado,  
Que pera hum fo cem Mouros aueria.  
Iulga qualquer juyzo foffegado,  
Por mais temeridade que ouſadia,  
Cometer hum tamanho ajuntamento,  
Que pera hum caualleiro ouueffe cento.

Cinco Reis Mouros ſam os inimigos,  
Dos quaes o principal Ismar fe chama,  
Todos exprimentados nos perigos  
Da guerra, onde fe alcança a illuſtre fama:  
Seguem guerreiras Damas ſeus amigos,  
Imitando a fermofa & forte Dama,  
De quem tanto os Troyanos fe ajudâão,  
E as que o Termodonte ja goſtâão.

A matutina luz ferena, & fria,  
As Estrellas do Pollo ja apartaua,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amoſtrando fe a Affonſo o animaua:  
Elle adorando quem lhe apparecia,  
Na Fê todo inflamado aſſi gritaua.

Aos infieis Senhor, aos infieis,  
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por feu Rei natural, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
E diante do exercito potente,  
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,  
Pola montanha o rabido Molofo,  
Contra o Touro remete, que fiado  
Na força eſtã do corno temeroſo:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçofo,  
Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
Do brauo a força horrenda fe quebranta.

Tal do Rei nouo, o eſtamago acendido,  
Por Deos & polo pouo juntamente,  
O barbaro comete apercebido,  
Co animoſo exercito rompente:  
Leuantão nisto os perros o alarido  
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,  
As lanças & arcos tomão, tubas foão,  
Inftrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,  
Foi nos aridos campos (afoprando  
O fibilante Boreas) animada  
Co vento, o feco mato vay queimando:  
A paftoral companhia, que deitada,  
Co doce fono estaua, despertando,  
Ao eftridor do fogo que fe atea,  
Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Defta arte o Mouro atonito & toruado,  
Toma fem tento as armas muy depreffa,  
Não foge: mas efpera confiado,  
E o ginete belligero arremeffa:  
O Portugues o encontra denodado,  
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.  
Hūs caem meios mortos, & outros vão  
A ajuda conuocando do Alcorão.

Ali fe vem encontros temerofos,  
Pera fe desfazer hũa alta ferra,  
E os animais correndo furiofos,  
Que Neptuno amoftrou ferindo a terra:  
Golpes fe dão medonhos, & forçofos,  
Por toda a parte andaua acefa a guerra:  
Mas o de Lufo, arnes, couraça & malha,  
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão faltando,

Braços, pernas, fem dono & fem fentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Palida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do fangue desparzido  
Com que tambem do campo a cor se perde  
Tornado Carmefi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lufitano  
Recolhendo os trofeos & prefa rica,  
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o gram Rei no campo fica:  
Aqui pinta no branco escudo vfano,  
Que agora esta victoria certifica:  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em final destes cinco Reis vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
Escreuendo a memoria em varia tinta,  
Daquelle de quem foy fauorecido,  
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
Porque afsi fica o numero comprido:  
Contando duas vezes o do meio,  
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Paffado ja algum tempo, que paffada  
Era esta grão victoria, o Rei fubido  
A tomar vay Leiria, que tomada

Fora muy pouco auia, do vencido:  
Com esta a forte Arronches fojugada  
Foy juntamente: & o fempre ennobrecido  
Scabelicastro, cujo campo ameno,  
Tu claro Tejo regas tam fereno.

A estas nobres villas fometidas,  
Ajunta tambem Mafra, em pouco eſpaço,  
E nas ferras da Lua conhecidas,  
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
Sintra onde as Naiades eſcondidas  
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
Onde Amor as enreda brandameme,  
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,  
Facilmente das outras es princeſa,  
Que edificada foſte do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania aceſa:  
Tu a quem obedece o Mar profundo,  
Obedeceſte aa força Portugueſa.  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o pouo Sarraceno,  
Muitos com tenção fancta erão partidos,  
Entrando a bocaja, do Tejo ameno,

Co arrayal do grande Affonfo vnidos.  
Cuja alta fama antão fubia aos ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vliffeos.

Cinco vezes a Lũa fe escondêra,  
E outras tantas moſtrâra cheio o roſto,  
Quando a Cidade entrada fe rendêra,  
Ao duro cerco, que lhe eſtaua poſto.  
Foy a batalha tam fanguina & fera,  
Quanto obrigaua o firme profupoſto:  
De vencedores aſperos, & oufados,  
E de vencidos, ja defesperados.

Deſta arte em fim tomada fe rendeo,  
Aquella que nos tempos ja paſſados  
Aa grande força nunca obedeceo,  
Dos frios poucos Sciticos oufados:  
Cujo poder a tanto fe eſtendeo,  
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.  
E em fim co Betis tanto algum podêrão,  
Que aa terra do Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura

# Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.